

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO

A EXPULSÃO DAS CONGREGAÇÕES NÃO AUCTORISADAS E O SENSO COMMUN, pelo P.º Senna Freitas. — SECÇÃO RELIGIOSA: *A Igreja Catholica*, pelo P.º José Maria, da Congregação da Missão, e ex-lente de Dogma no Seminario do Ceará; *A questão operaria, discurso pronunciado na igreja da Magdalena em Paris, a favor da junta central das associações catholicas, em 1 de fevereiro*, por Monsenhor Bispo de Angers, (continuação). — SECÇÃO SCIENTIFICA: *A perversão philosophica*, pelo Padre Chrispim Cactano Ferreira Tavares. — SECÇÃO HISTORICA: *O Grande Marquez*, do «Figaro». — SECÇÃO LITTERARIA: *A Cigana*, por D. Maria del Pilar Sinues, versão de J. de Freitas, (continuação). — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: por F. de Guimarães. — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES, 15 DE MAIO

A expulsão das Congregações não auctorizadas e o senso commun.

Grevy acaba de mostrar á França e ao mundo como se pratica o aphorismo bismarkino — *La force prime le droit*. Bravo, snr. Grevy, e outra vez bravo! V. exc.ª tem um corpo formidavel de policia, milhares de bayonetas á sua disposição: se os sotainas, ao cabo de tres mezes, não evacuarem a França ou se dispersarem, é descaçaimar sobre elles a gendarmeria e engaiolal-os no *in pace* da Roquette, ou, mais summariamente, arcabusal-os, como se fez em 71 aos refens da Communa.

E' do dominio publico que o

presidente da republica franceza desempoeiron outro dia uma lei fossil e arbitraria, a da expulsão das congregações religiosas não auctorizadas pelo Estado, para a fazer reviver e vigorar. Este acto de inqualificavel injustiça tem provocado e continúa a provocar da parte não só das referidas congregações, mas de todos os bispos de França em pezo e de todos os catholicos sizudos d'aquelle paiz, um energico protesto, cujas consequencias não é facil ajuizar. A republica franceza parece querer apropriar-se o monopolio do arbitrario, calcando a pés todos os principios da mais elementar liberdade.

E' absolutamente falso que uma Congregação não auctorizada seja uma Congregação *prohibida*, como o declarou Grevy com a calorosa adhesão de toda a cauda dos seus satellites parlamentares. E senão, vejamos. Um pouco de jurisprudencia comesinha, e de bom senso.

Chamam-se congregações auctorizadas aquellas a que uma lei especial concedeu o privilegio de *existencia legal*. Podem, portanto, em virtude do mencionado privilegio, possuir, adquirir, comprar, vender, receber donativos e legados como congregações. São equiparadas a *personas civis*.

As congregações não auctorizadas não fruem tal privilegio. Perante a lei, os seus membros são cidadãos, como outros quaesquer, gozam como elles de *todos os direitos civis*, porém a congregação, como congregação, não está n'este caso, não sendo

reconhecida pelo Estado como *persona civil*.

Ora ahí está, em direito, a que se reduz a qualificação de congregações não auctorizadas.

Segue-se logicamente d'aqui que a sua existencia *não é legal*; mas seguir-se-ha jámais que seja *illegal*, contra-legal, ou prohibida? Segue-se que a corporação não é uma entidade civil, capaz de possuir, de contractar, de legar ou herdar, mas seguir-se-ha que os seus membros deixem de ser cidadãos e estar na posse dos direitos a estes communs? Teem *jus* a existir, e por conseguinte, teem-n'õ a viver sob o mesmo tecto, e sob a mesma Regra, a ligar-se por votos, a fazer o bem em toda a sua escala. O contrario é um absurdo inedito, a poder de monstruoso.

São ou não são cidadãos os membros das corporações religiosas? Se o são, para que se lhes nega o que é extensivo a todos os que o são? se o não são, para que se lhes impoem os *onus* privativos dos cidadãos, e para que se lhes permite que sejam eleitores, qualidade exclusiva dos membros civis do Estado? Quando eu estava em Paris, na casa central da Congregação a que tenho a honra e a ventura de pertencer, recordo-me de que os meus companheiros, naturaes de França, foram á urna votar, por mais que uma vez, e não se lhes embargou a entrada no *Hotel de Ville*, nem se lhes vedou a urna.

Dir-se-ha, porém, que ha uma lei que não permite a certas associações reunir-se sem auctorisação.

Não ha tal. A existencia de semelhante lei, applicada ao caso sujeito, é impertinente.

Existe sem duvida o artigo 291 do Codigo penal francez, que reza assim: «Nenhuma associação de mais de vinte pessoas, cujo fim seja *reunirem-se todos os dias ou em certos dias* marcados para tractarem de quaesquer assumptos religiosos, litterarios, politicos ou outros, poderá constituir-se sem consentimento do Governo.» Já pela phrase grifada por nós se deixa vêr claramente que os membros das congregações religiosas não estão incursos no artigo de lei supra, pois não se reúnem n'um edificio, em certos dias, pela razão obvia de que residem de um modo permanente sob o mesmo tecto.

Porém, a sequencia do artigo desata todas as duvidas e dispensa todas as interpretações sobre a sua genuina intelligencia. Ouçamos: «No numero das pessoas designadas pelo presente artigo não estão comprehendidas as domiciliadas na mesma casa onde a associação se acha estabelecida.» Por onde se torna patente que o artigo 291 do Codigo penal, unico que poderia attingir os individuos das congregações não auctorisadas, os não attinge. E' pela mesma razão que os collegios — internatos em França não carecem do consentimento do governo para se constituirem e funcionar. Assim, é certo que as congregações não auctorisadas, embora não sejam pessoas civis, teem o direito de subsistir, e que nenhuma lei existe que as prohiba.

Posto isto, que qualificação dar ao decreto, que as expulsa ou suprime? Come qualifica-o em face do direito, em face da liberdade, em face do mesmo Codigo, que implicitamente lhes confere a faculdade de conviverem em commun?

Essa nova lei, esse novo decreto, respondemos, é um decre-

to iniquo, digno da epocha do Terror e dos conciliabulos jacobinos reunidos no profanado convento da rua Saint-Honoré.

«São as leis que fazem o direito», diz a intolerante republica grevista; não, mil vezes não, replicamos nós com a philosophia da razão, com a philosophia da consciencia, com a philosophia dos seculos, e mais que tudo, com a philosophia do christianismo: é o direito que inspira a lei; a lei ha-de ser a expressão do direito; a lei é positiva, o direito é eterno.

«A lei, diz S. Thomaz, é uma prescripção racional que se refere ao bem commun, promulgada pelo chefe d'um Estado.» Portanto, se ella cessar de ser racional, de se fundar na recta razão juridica, cessa de ser lei, cessa de ligar (*lex, ligare*), por que o que é injusto não liga.

Remontando-se á lei eterna, fundamento inabalavel da lei natural e das leis humanas, define-a o mesmo insigne philosopho christão: «a razão do governo divino das cousas, que reside em Deus.» Posto isto, a lei natural não é mais do que «a promulgação da lei eterna na razão humana,» e as leis positivas são simplesmente «as prescripções menos geraes que o chefe d'um Estado fórmula, por modo de conclusões, dos principios universaes que constituem a lei natural, e que applica a casos particulares.»

Na região serena e elevada em que nos colloca esta theoria profundamente philosophica e verdadeira dos preceitos positivos, o que vem a ser a lei galvanizada pela republica franceza para expulsar das suas casas pacificas cidadãos innocuos, que servem a França um pouco melhor que os que a dirigem de presente? Poder-se-ha ella chamar uma expressão dos principios universaes de justiça, de ordem, de razão, que constituem a lei natural? Rasguemos o gaze

dos meios termos ambiguos; o decreto de Grevy não é a expressão da ordem e da justiça, é a expressão legalizada do odio contra homens que commettem o crime de se levantar ás 4 horas da madrugada, e não teem a fortuna de estar filiados no liberalismo heterodoxo por que s. ex.^a morre de amores.

Haverá, todavia, alguma lei anterior e contraria ao artigo 291, ha pouco citado? E' possível. Porém o que é certo, é que, se a havia, foi abrogada por elle. Reconheceu-o e declarou-o em pleno parlamento o insuspeitissimo M. Bertauld, a 27 de Fevereiro do presente anno. Portanto, fechemos a argumentação: uma vez que os religiosos teem em França o direito de cohabitar, teem por igual o de ensinar, se nenhuma lei lh'o defender, e comtanto que observem as clausulas impostas ao professorado em França. São cidadãos; estão habilitados: basta. Tão sagrado e inaufervel, aliás, é esse direito, que a absurda lei Ferry, foi vigorosamente repellido pelo senado, mal haverá dous mezes. Mas o senado francez não pode sustentar por muito tempo a luz do bom senso; dá-lhe vertigens, e vinga-se fechando os olhos e negando a luz.

Terminemos. Quejandas aberrações não devem causar espanto sob um governo, que é a restauração do jacobinismo e que disputa primazias aos despotismos da antiga Sparta, tão preconizada pelos hierofantes de 89. Pythagoras (*pobre philosopho de Samos*) aconselhava aos legisladores que decretassem as suas leis do signo da Balança, o presidente Grevy ou se ri do alvitre ou com certeza mette na balança pesos mais falsos, que um agiota.

Que differença haverá, perguntou eu, entre o seu procedimento e o do homem que entrasse em casa de um cidadão e lhe ordenasse, de pau na mão, que se

pozesse na rua quanto antes, sem outra fôrma de processo? Nenhuma; digo mal, haveria a differença de que o procedimento do aventureiro seria francamente mau, e o de Grevy, presidente da republica franceza, é aggravado pela circumstancia de que mascára a mesma iniquidade de proceder com o salvo-conducto da lei, e o corrobora com o contraforte do poder.

P.º SENNA FREITAS.

SECÇÃO RELIGIOSA

A IGREJA CATHOLICA

PELO

P.º JOSÉ MARIA, DA CONGREGAÇÃO
DA MISSÃO, E EX-LENTE DE
DOGMA NO SEMINARIO DO CEARÁ

I

A visão celeste

Appareceu um grande signal no Céu: viu-se uma mulher vestida de sol, coroada de doze estrellas brilhantissimas, com a lua debaixo dos pés. Esta visão é divina: o Apostolo da caridade, a Aguia dos Evangelistas, S. João, na Ilha do Pathmos, avistou esta mulher prodigiosa. E a Igreja Catholica vestida do eterno sol de justiça—Jesus Christo—, coroada das doze estrellas luminosas—os Apostolos—, com a lua debaixo dos pés, que é figura da mudança das cousas terrenas. Com effeito, a Igreja Catholica é vivamente illuminada pelo Christo, que é luz da luz, que é resplendor da gloria e figura da substancia do Pai. O Christo, que é o fundador da Igreja, a illustra com a luz da graça e da verdade.

II

A luz da verdade

A verdade divina e revelada por Deus é a mysteriosa columna de fogo, que illumina a humanidade no deserto tenebroso d'este seculo; é dogma revelador da natureza divina, que eleva a nossa intelligencia a uma região superior, e nos ensina que Deus é um em natureza e trino em

personas, isto é, que Deus falla interiormente, e fallando gera o seu Verbo consubstancial e respira o amor infinito procedente do Pai e do Filho, e Deus como o Pai e o Filho. Sublime e divina Revelação que arrebatou a nossa intelligencia, communicando-lhe o conhecimento de Deus e fazendo-a viver da mesma vida divina! Este dogma da Trindade é o primeiro artigo da nossa fé e ao mesmo tempo a luz mais viva da nossa intelligencia. Pois é a primeira verdade, é a verdade acerca da intima vida divina, é a verdade fundamental, é a base do Catholicismo, é o sol da intelligencia, communicando-lhe a mesma luz inacessivel, em que habita a Divindade.

Depois da verdade acerca da Trindade sacrosanta, o Christo, eterno sol, derramou na nossa mente uma outra luz tambem brilhante, revelando-nos o mysterio da Encarnação, a saber, revelando-se-nos a si mesmo. O Christo é o mysterio de hoje e de hontem, é o centro da Redempção, é o facto mais solemne e universal do mundo, é o objecto de todas as intelligencias elevadas e esclarecidas, é o alvo sobre que atiram todos os inimigos da verdade catholica, é o ponto de união do finito com o infinito, do céo com a terra, da humanidade com a divindade, do temp. com a eternidade. Meu Deus, que figura sublime se me antolha á mente! que espectáculo maravilhoso e divino se me offerece á vista intellectual? E quem pôde olhar para elle sem sentir-se vivamente illuminado e profundamente commovido? O Christo, o Verbo do Pai, a palavra substancial e divina, a sabedoria infinita, a verdade eterna, desceu entre nós e nos fallou! A sua palavra foi a criação de uma nova luz, que espancou as trevas espessas do cahos intellectual, moral e social. O Christo está no centro dos seculos e da historia, no centro de todas as convulsões sociais e de todas as transformações operadas no espaço e no tempo. Os seculos anteriores á sua apparição avistavam o Christo; os seculos posteriores se desenvolvem em serviço d'elle. *Omnia per ipsum facta sunt, et sine ipso factum est nihil quod factum est.* (Joan. I, 3.) *Fide intelligimus aptata esse secula verbo Dei.* (Hebr. XI, 13). Pela fé é que nós entendemos que foram formados os seculos pela palavra de Deus. Além disso, o Christo, o fundador da unica verdadeira Religião, o restaurador universal do mundo, é o ideal perfeito da humanidade, é o prototypo da perfeição humana, é o original mais esthetico do aperfeiçoamento moral, é o sym-

bolo real, vivo e verdadeiro do heroismo, é o regenerador da immensa familia humana.

A luz divina, que derramou o Christo no nosso espirito, não illumina a Igreja sómente com relação a Divindade una e trina, e do Verbo encarnado, mas tambem com relação ao homem. Pois a illuminação christã a respeito do homem é tão brilhante que dissipa todas as trevas do paganismo, revela a origem e o destino do homem, manifesta o caminho que elle deve seguir para alcançar o seu fim, e lhe dá todos os meios necessarios para vencer os seus inimigos, colher a palma da victoria e entrar triumphante na bemaventurança eterna.

Bemdito seja infinitamente o Verbo eterno que é luz illuminadora de todos os homens!

Hosanna de gloria e de amor ao Christo, mestre divino da humanidade! O homem, illustrado pelo sol de justiça, sabe donde veio, para onde vae, qual foi seu primeiro estado, qual foi o segundo, qual é seu destino eterno, qual é o modelo que deve imitar para chegar á perfeição moral e sobrenatural, donde possa alcançar a força restaurante e confortadora.

Estas e outras questões fundamentais, que interessam a humanidade, foram resolvidas pela divina sabedoria encarnada.

Os seculos anteriores a ella com todos os seus sabios e com toda a philosophia, de que se gabavam, não poderão derramar na humanidade uma luz tão deslumbrante como a luz evangelica; excepção feita ao povo Hebraico, porque guiado e illustrado immediatamente pela Divindade, era depositario de um thesouro divino de verdades, que não eram todavia tão fulgurantes como as do Verbo feito homem.

III

A luz da santidade

Mas o Christo não é sómente sol de justiça pela luz da verdade que derrama na humanidade remida; é tambem sol de justiça, porque diffundiu torrentes de luz vivificadora, animadora e creadora de uma santidade nunca vista no mundo. Oh! que espectáculo magnifico, surprehendente e arrebatador o dos Santos innumeraveis do Catholicismo! Vêde aquella creatura privilegiada, obra prima do Redemptor, e realisação do coneito mais bello do eterno Verbo. Aquella creatura é o astro mais rutilante e risonho do Céu, é a flôr mais vi-

cosa e linda do jardim celestial, é a grinalda mais rica e luminosa pendente do altar supremo, é o esmalte mais radiante da eterna morada: em uma palavra, é—MARIA!

Vêde ainda uma escolhida congregação de Apostolos que fallam a palavra evangelica e restauram o mundo inteiro.

Vêde acolá que phalanges immensas de heróes, cobertos de rosadas estolas de louros, empunhando a palma gloriosa do martyrio! Eis alli um sem numero de virgens engrinaldadas de lyrios, que cantam o epithalamio eterno ao Esposo divino. Eis alli as phalanges enormes de penitentes e confessores que com as suas obras maravilhosas e com o heroismo da virtude attestaram a santidade da religião, de que fôram luzeiros brilhantes e bemfazejos. Leitor, a santidade e o heroismo dos santos do Catholicismo é um facto singular, unico e admiravel na historia da humanidade remida. Sómente a Igreja Catholica é coroada d'esta aureola da divindade; ella só tem o seu agiologio; ella só pôde gloriar-se de uma phalange immensa de heróes e heroínas que, com o brilho das suas innumeraveis e eminentes virtudes, honraram a especie humana e a coroaram da luz deslumbrante da santidade.

Pois bem: o resplendor vivissimo e continuado do heroismo evangelico despediu-se do throno do Homem-Deus; pois, ensina S. João: «a graça e a verdade foram trazidas por Jesus Christo (Cap. I, 17). Eis como a rainha do mundo — a Igreja Catholica — foi vista pelo Extatico de Pathmos, vestida do sol de justiça, que é o Christo.»

(Continúa).

A QUESTÃO OPERARIA

DISCURSO PRONUNCIADO
POR MONSENHOR BISPO DE ANGERS
NA EGREJA DA MAGDALENA, EM
PARIZ, A FAVOR DA JUNTA CENTRAL
DAS ASSOCIAÇÕES CATHOLICAS,
EM 1 DE FEVEREIRO DE 1880.

(Continuado do n.º anterior)

E d'onde vinha a corporação operaria, tal como a economia christã tinha conseguido estabelecer-a e organisal-a, esta força moral da qual dá testemunho toda a sua historia? Da religião, que é a sua alma e a sua vida. Vêdes, meus irmãos, estas longas fileiras de trabalhadores, que se-

guem as ruas da antiga Paris caminhando para a egreja de Nossa Senhora, de S. Gervazio, de S. Pedro des Arsis, de S. Thiago-Maior, de S. Cosme e S. Damião, para as diferentes egrejas, tornadas sédes de suas confrarias? Na bandeira que fluctua sobre sua cabeça brilha a imagem d'um santo, a honra e o modelo de sua corporação. E este filho do povo, operario como elles, tendo outr'ora manuscado o mesmo utensilio, é presentemente glorificado sobre a terra pela Egreja universal, depois de ter sido coroado no céu pela mão do proprio Deus, elles o vão honrar com um culto especial na capella que lhes é dedicada, invocar sua protecção e edificar-se todos juntos com a narração de suas virtudes. Diante de taes recordações sentirão apertar-se seus laços profissionais, ao mesmo tempo que sua adhesão á fé. As grandes lições que os acompanham do templo os seguirão á fabrica ou á officina como uma luz e uma força. A oração do domingo sanctificará o trabalho da semana, e festas solemnes renovarão cada anno suas alegrias christãs e suas piedosas reuniões. Da mesma sorte que a alma vivifica o corpo, assim a confraria religiosa dará á corporação industrial sua fórma, seu espirito, sua vida superior, seu principio de duração; e d'estas duas instituições, completando-se e fortificando-se uma pela outra, sairá uma das obras sociaes mais fecundas para a Egreja e para França. Eu digo, meus irmãos, para a Egreja e para a França; porque o patriotismo e a fé religiosa animavam com igual ardor as corporações operarias. Em lugar de ser para a capital uma ameaça ou um perigo, estas vastas associações do trabalho, velavam sua segurança, e quando vinham á voz dos seus chefes enfileirar-se sob as suas sessenta bandeiras, ornadas de uma cruz branca, a cidade podia julgar-se ao abrigo de todas as desordens e de todas as aggressões. Em parte alguma, fóra d'aquellas corporações de operarios, a religião catholica achava apoio mais firme e mais seguro. Quando a heresia no seculo XVI ameaçou invadir este bello reino, e quando uma parte da propria nobreza trahiu a causa da Egreja, foi no povo e entre as corporações operarias, no meio d'estes grupos de artistas tão cheios de actividade e de vida, que a resistencia se elevou até ao heroismo. Nem os soffrimentos da guerra, nem os horrores do cerco, e a vossa cidade foi testemunha d'isso, poderam vencer uma fidelidade a toda a prova. Nenhuma outra classe da socie-

dade entrou mais resolutamente no grande movimento nacional da liga, que fez tanto para salvar a França do protestantismo.

Esta adhesão profunda dos corpos operarios á Egreja, tinha permanecido sobre todos os pontos do paiz e até ao fim do seculo ultimo, como uma das feições mais notaveis da nossa historia. Quando os homens do Terror quizeram impor a Leão o jugo da impiedade, foi a grande corporação operaria d'esta cidade, que n'uma lucta para sempre celebre se ergueu como um só homem para defender a religião á custa do seu sangue. Tanto a fé catholica tinha penetrado no coração do artista; tanto era poderosa esta organização do trabalho, que o genio francez tinha sabido crear á sua imagem, sob a inspiração da fé e da caridade christã.

Quer isto dizer que ella fosse plenamente perfeita? Não de certo, meus irmãos. Tambem alli se tinham introduzido abusos que reclamavam uma reforma. Tambem alli, n'estas velhas instituições tornadas mui estreitas, se tratava de introduzir mais ar, mais movimento e verdadeira liberdade. Mas o que antes de tudo era preciso evitar, era destruil-as sem poder substituil-as.

Não se corta uma arvore ainda vigorosa para a desembaraçar d'um ramo que está morto. Não se destroe uma casa por causa d'algumas más ervas que crescem ao longo das paredes. Não se arraza uma cathedral só porque com o andar do tempo se amontoou o pó sob suas abobadas e por ellas se crearam teias de aranha. E' o bom senso que diz isto e o bom senso é o dominador da vida humana, assim para os povos como para os individuos. Mas os revolucionarios do ultimo seculo não comprehendiam esta linguagem; destruir, destruir ainda, destruir sempre,—era a sua divisa. Sob este ponto de vista como em todas as cousas elles só tinham uma ideia, uma paixão: não deixar nada de pé d'aquillo que existia até então. Esta organização do trabalho que era a obra do tempo, da experiencia e da razão; que tinha valido ao paiz longos seculos de paz e prosperidade; que tinha conseguido manter a concordia entre os trabalhadores d'uma mesma ordem; que tanto tinha contribuido para o bom renome e para a gloria da industria franceza; esta organização, digo, que seria necessario remocar, melhorar, pôr em harmonia com as necessidades novas, os inovadores quebraram-na n'um dia de furor cego sem se preocuparem das consequencias. N'es-

te dia nascia uma questão desconhecida nos tempos anteriores e que ia encher o seculo XIX de agitações e de sustos: a questão operaria

II

Em que consistia a gravidade da questão, levantada pelos inovadores com tanta imprudencia, depois de uma revolução precipitada e violenta, que destruiu d'alto a baixo todas as instituições do passado? Consistia n'isto: que a classe operaria tendo perdido toda a força de cohesão achava-se reduzida ao estado de poeira, sem força e sem laço. Sob uma apparencia de liberdade era o isolamento o que se lhe trazia, e com o isolamento a fraqueza. O individuo ficava só em frente de si mesmo, não tendo já nenhum dos recursos materiaes ou moraes, que tirava d'antes d'um corpo sabiamente organizado. Desde então nem mais sombra de gerarchia; nem mais paternidade social; nem mais cuidado das almas; nem mais fraternidade profissional; nem mais regras communs; nem mais solidariedade de interesses, de honra, de reputação; nem mais aproximação entre os mestres, os obreiros, e os aprendizes; nem mais garantias para os fracos contra os fortes; nem mais protecção dos grandes a respeito dos pequenos. Uma lucta pela vida, onde cada qual, reduzido ás suas unicas forças, procura prevalecer sobre os outros com risco de preparar a sua ruina. Uma porfia onde se acotovelam, se esmagam, se calcam aos pés; quero dizer em summa, a oppressão no alto, a servidão no baixo, o antagonismo por toda a parte, a união em nenhuma; tal era o futuro, que o novo estado de cousas acabava de crear para a classe operaria.

Mas, meus irmãos, não é dado ao homem o ir contra a natureza das cousas. O isolamento é tão estranho ao seu destino providencial que, á falta de associações regulares e uteis, formam-se associações perigosas e anormais. Tinha-se chegado a crêr que podiam dissolver-se, sem lhes substituir cousa alguma, a estas corporações operarias, a estes grupos sociaes tão bem organisados, onde pequenos e grandes, fracos e fortes, pobres e ricos eram unidos entre si pelos mesmos laços profissionaes n'uma vasta gerarchia de serviços e de funcções. E eis que em lugar d'esta organização gerarchica, legal, em plena luz, sem perigo para pessoa alguma, o nosso seculo viu formarem-se d'uma a outra extremidade do mundo, colligações, sociedades secretas, ligas tenebrosas, associações impellidas

por forças occultas, obedecendo a não sei que palavra de ordem mysteriosa, impessoal, incomprehensivel, e todavia susceptivel, n'um momento dado, de multidões impacientes de todo o freio. Exagero eu porventura alguma cousa, meus irmãos? Porventura a historia contemporanea não dá testemunho do que acabo de expor? Estas ligas subterraneas que teem substituido as nossas antigas corporações operarias e que d'uma nação á outra contam filiaes no mundo inteiro, não se terão tornado porventura um dos grandes perigos da nossa epoca? Estas massas confusas, desordenadas e que não recebem mais a direcção de seus chefes naturaes, accaso não estão á mercê de quem lisongeia suas paixões e seu espirito de independencia? E em cada uma de nossas subversões periodicas não temos sentido accaso os terriveis feitos d'estas surdas agitações, da mesma sorte que se adivinha pelas irrupções d'um vulcão o fogo que elle esconde em suas profundidades mais intimas? Se ao menos a religião tivesse conservado seu imperio sobre estas massas desagregadas pela acção dissolvente das doutrinas do ultimo seculo! Mas é principalmente pelo enfraquecimento cada vez mais sensivel da fé christã que a questão operaria tem um caracter de extrema gravidade. Eu dizia ha pouco, meus irmãos, e a historia do nosso paiz o affirma em cada uma das suas paginas, que entre a Egreja e os corpos industriaes, as corporações operarias, o mundo dos artistas e dos trabalhadores, a alliança tinha permanecido intima até aos primeiros tempos da revolução; em nenhuma outra classe da sociedade franceza a religião catholica tinha lançado mais profundas raizes. Ora, não posso deixar de mostral-o com amarga dôr, na hora presente não ha parte alguma onde as ideias e as paixões revolucionarias tenham feito mais numerosas victimas. Eu não descreverei o trabalho ao qual a demagogia se tem entregado ha cem annos para afastar a classe operaria da Egreja, explorando o terrivel problema do soffrimento, ora para accender a colera no coração das multidões, ora para as enganar com promessas ou esperanças irrealisaveis; lisongecendo a paixão da igualdade e da inveja, d'onde nasce o desprezo e odio de toda a superioridade social; tratando a resignação christã de fraqueza, a fé de superstição, o a virtude de impostura; recorrendo ao romance, ao theatro e á imprensa, para apresentar os homens e as coisas da religião sob uma apparencia odiosa ou ridicula; e mostrando na Egreja,

em sua doutrina e em suas leis, o grande obstaculo opposto á chegada d'esta nova idade d'ouro, d'este Eden phantastico, do qual a utopia e a chimera banirão para sempre o soffrimento e a pobreza, para o povoarem de todas as felicidades imaginaveis.

(Continua).

SECÇÃO SCIENTIFICA

A perversão philosophica

II

Krause é um malvado tão atrevido que até procura fazer crer aos seus leitores que seu ontologismo pantheistico está em harmonia com a doutrina catholica. Eis suas mesmas palavras traduzidas em portuguez:

«A doutrina da visão do ser concorda com a doutrina do christianismo, o qual ensina que o mundo é mediante Deus, que Deus se manifesta no mundo, que o homem é uma imagem de Deus, e que nós vivemos e nos movemos e existimos n'elles.

Já vimos que «a doutrina da visão do ser» que Krause chama Deus, está tão longe de concordar com a doutrina do christianismo, que foi combatida pelos sanctos padres e condemnada pelo Summo Pontifice Clemente V no Concilio de Vienna.

O christianismo tambem não ensina que «o mundo é mediante Deus», mas sim que Deus por sua bondade e poder omnipotente o produzira não da sua propria essencia, mas do nada, sendo real e essencialmente distincto do mundo: *re et essentia a mundo distinctus*.

O christianismo tambem não ensina «que Deus se manifesta no mundo» no sentido de Krause: mas sim que Deus se dá a conhecer ás creaturas intelligentes pelas obras de seu poder, de sua sabedoria e de seu amor: «As perfeições invisiveis de Deus, diz o Apostolo, se tornam visiveis depois da criação do mundo, pelo conhecimento que dellas nos dão suas creaturas.»

Que quer dizer Krause com as palavras «Deus se manifesta no mundo»? Quer dizer que o homem goza, n'esta vida, da intuição de Deus ou visão do ser que chama Deus: pois o contrario disto é o que ensina o christianismo.

Não, o conhecimento que temos de Deus n'esta vida não é intuitivo, mas discursivo, *per speculum et in denigma-*

te, dizia S. Paulo e o Concilio do Vaticano diz: «*Sancta Mater Ecclesia tenet et docet, Deum rerum omnium principium et finem, naturali humane rationis lumine, e rebus creatis certo cognosci posse*».

O christianismo certamente ensina que o homem é imagem de Deus; mas que prova isto a favor do ontologismo pantheistico de Krause? Causa nenhuma; antes pelo contrario porque o homem é imagem de Deus serve admiravelmente para elevar-nos ao conhecimento do original perfeitissimo que a alma representa por uma maneira imperfeita.

Todas as creaturas imitam, d'algum modo, a divina perfeição, e assim da grandeza e formosura da creatura poder-se-ha chegar com certeza ao conhecimento do Creador della, porém a alma humana é um espelho mais excelente, pois é imagem de Deus, e della podemos subir com o pensamento á consideração d'aquella luz divina que sobre ella está sellada.

Não; o ser a alma humana imagem de Deus não prova cousa alguma a favor do ontologismo pantheistico de Krause, pelo contrario assim como por meio de um retrato vimos no conhecimento da pessoa que o retrato representa, da mesma sorte do conhecimento que temos da nossa alma subimos ao conhecimento de Deus, passando por conseguinte do effeito á causa, do imperfeito ao perfeito, da perfeição particular da creatura á perfeição infinita do Creador, methodo inteiramente contrario ao que segue o impio e perfido Krause.

O christianismo não ensina «que vivemos e nos movemos e existimos em Deus» no sentido de Krause.

As palavras que ficam entre comas disse-as S. Paulo, mas em sentido muito differente d'aquelle que lhes attribue Krause, que mutilou o texto do Apostolo com o damnado intento de enganar seus leitores.

Para que se veja claramente a perfidia de Krause, apresentaremos completo o texto de S. Paulo.

O Apostolo pregando aos athenienses o Deus a quem adoravam sem conhecê-lo disse: «Olhando eu, quando passava, para as estatuas de vossos deuses, encontrei tambem um altar com esta inscripção: *Ao Deus desconhecido*. Pois esse Deus a quem adoraeis sem conhecê-lo, é o que venho annunciar-vos: o Deus que creou o mundo... não está longe de cada um de nós: porque n'elle vivemos, nos movemos e existimos.» Ha por ventura n'estas palavras uma unica que possa auctorisar a Krause para dizer que a doutrina do Apostolo concorda com a doutrina ontologico-pantheistica da vi-

são do ser que chama Deus? Não é pelo contrario evidente que Deus (pois no texto de S. Paulo se falla de um Deus desconhecido) longe de ser visto intuitivamente pelos homens, nem sequer conservavam d'elle os athenienses um conhecimento discursivo verdadeiramente recto e isempto de erro? O que accrescenta o Apostolo que n'elle vivemos, nos movemos e existimos, prova que Deus está em todas as cousas em razão de sua immensidade por essencia, presença e potencia, permanecendo distincto de todas ellas, nas quaes está intimamente presente, conservando-as e prestando-lhes efficaz auxilio para que possam exercitar seus movimentos e actos vitaes. E' isto o que queria dizer Krause? Não, porque seu intento era enganar seus leitores.

Diz S. Paulo que Deus «não está longe de cada um de nós», mas d'aqui não se infere que o vejamos: e effectivamente não o vemos, porque a luz da divina essencia é inacessivel ás vistas de nossa fraca razão, como não veriamos physicamente um homem que estivesse a nosso lado se nossos olhos carecessem da luz sensível necessaria para a visão.

(Continua).

P.º Chrispim Caetano Ferreira Tavares

SECÇÃO HISTORICA

O GRANDE MARQUEZ

Foi crucificada a Companhia de Jesus—*Consummatum est!* Tal é a obra dos homens.—Porém,—*Resurrexit sicut dixit*,—tal será a obra de Deus.

Uma ideia não se póde assassinar com um punhal nem com um texto de lei. Pouco ou nada importa que o decreto esteja sellado com tres nomes como o sepulcro de Jesus Christo com os sellos da Synagoga: a invencível justiça, no dia proximo da resurreição, os quebrará. Os odios, como os cadaveres, cahem em putrefacção, e os systemas morrem com os partidos.—Só a eterna Verdade resuscita, illunina e reconquista o mundo.

Muito pequenos e mesquinhos são os nossos politicos de hoje; contra os jesuitas, muitos outros ministros, grandes pelo genio e poderosos pelo terror, se manifestaram Estes inspiravam, ao menos, grande espanto e aversão; aquelles são triste e simplesmente dignos de compaixão.

Em pleno seculo XVIII formou-se

sob a cimeira dos Braganças—um homem de Estado. Chamou-se, um dia, com todos estes nomes: D. Sebastião de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, marquez de Pombal e doutor da Universidade.

Educado com as doutrinas philosophicas anglo-francezas, cruel, ávido, orgulhoso, colerico e vingativo, teve uma vontade de aço para tramar e uma mão de ferro para executar. Isto, junto a um poder illimitado, tornou-o um despota inflexível sem medo e sem remorsos.

Em 1739 era elle enviado extraordinario em Londres; em 1743, plenipotenciario em Vienna; em 1750, ministro dos negocios estrangeiros e da guerra; em 1756, conde de Oeiras e primeiro ministro de S. Magestade D. José I de Bragança; finalmente, em 1770, por um real decreto, marquez de Pombal.

Quando se sobe a esta ultima nas espheras do mal é para cair mais profundamente no sangue e na lama.

Ministro de D. José I. Pombal impunha a sua vontade ao seu soberano, tão pobre de intelligencia quão fraco de espirito. Este rei de Portugal e do Brazil era apenas um homem sem energia e sem moral. Que lhe importava o governo do seu reino, comtanto que podesse conduzir no Tejo um barco theatralmente empavesado, cheio de musicos e de alegres e folgasas convivas? Vivia defendido pelas muralhas e engolphado nos prazeres e galanteios em seu palacio de Alcantara.

Reinava, pois, Pombal.

Para pôr em execução os dramas sanguinolentos que premeditára, começou por desterrar alguns descendentes de certos mercadores que tinham ousado dirigir ao rei um memorial contra certas medidas ruins do «grande marquez», como o denominavam.

Póde, finalmente, emprehender a sua grande obra: a destruição da Companhia de Jesus.

Em França, M. de Grammont perguntava ao embaixador de Hespanha, rindo-se (n'aquella epocha e n'aquella côrte riam-se de tudo) se o grande ministro do pequeno paiz tinha sempre o seu jesuita escarranchado no nariz.

Quaes eram, pois, os motivos d'este velho e tragico odio?

As suas necessidades d'outr'ora aos pés d'esta Ordem, onde mandára educar o seu segundo filho; a influencia espiritual dos Jesuitas na Côrte de Portugal; o seu poder material e moral no Uruguay e no Paraguay, e mais que tudo, os seus sonhos de

importar o protestantismo: eis os motivos.

Era preciso, porém, um pretexto.

Uma senhora assaz bella e nobre para ser dama de um Bragança, D. Theresa, marquesa de Tavora, e dous tiros de pistola atirados sobre o rei, em recompensa de esta tão boa fortuna, em alguma rua sombria. Os Jesuitas teriam sem duvida carregado a pistola: eis o pretexto.

D. José I não sabia mais do seu palacio.

Mas do seu palacio saíram primeiramente em uma noite por surpresa, esquadras de arcabuzeiros e nuvens de soldados que cercaram as casas, collegios e residencias dos Jesuitas— e pediram em massa os padres e os professores.

Saiu depois um decreto de expulsão:

«Todos os Jesuitas existentes no paiz, sujeitos á corôa de Portugal são declarados traidores, rebeldes, aggressores do rei e inimigos do Estado».

Seriam punidos de morte todos os Jesuitas que pozessem o pé em Portugal.

Avante! — O fogo e a inquisição, composta e amestrada *ad usum!*

O padre Malagrida—um santo— foi conduzido a este tribunal dos autos de fé, e de lá saiu com uma ridicula mitra na cabeça e revestido de um *sambenito* com chammas e diabos vermelhos pintados. Amordaçado depois, foi estrangulado por clemencia e queimado por ferocidade.

Bravo, marquez de Pombal!

O santo, no momento da morte, perdoou ao seu carrasco: eis o seu protesto. Os Jesuitas, á imitação do seu divino Mestre, sobre a Cruz, não protestam de outra fórma.

Avante—a deportação!

Para serem embarcados no Porto e lançados nas costas d'Italia, amontoaram em dous navios suecos mais de trescentos Jesuitas, na maior parte, alumnos de Collegio de Coimbra.

Foram conduzidos ao navio, sempre de noite, ao clarão de archotes e entre duas alas de dragões; e para não despertar os adormecidos e fleis subditos do rei D. José de Bragança, tiraram os guisos das arreatas das cavalgadas.

No fundo do porão, sem provisões, muitos d'estes desgraçados morreram durante a viagem. Bravo, bravo, marquez de Pombal!

Avante—a prisão! —A affluencia dos Jesuitas era tal que aquelles que não poderam ser embarcados, foram conduzidos á prisão como salteadores e assassinos.

A torre de S Julião em Lisboa e

as prisões de Almeida, em seu mudo horror, muito bem sabem quaes as torturas e o numero dos prisioneiros.

Na torre de S. Julião, desciam aos *in pare* por vinte tres degraus perdidos nas trevas de lugubres corredores. Ao fundo d'estas masmorras, apenas chegava a ladrar continuo dos cães, e o prolongado rufo dos tambores. N'estes pócos, a agua corria pelas escadas e infiltrava-se pelas abobadas; o solo era um lago funebre, e a erva crescia pelas paredes viscosas.

Na obscuridade pullulavam ratos esfaimados e na humidade formigavam os vermes.

Sem ar, sem luz, em uma atmosphera mephitica, os prisioneiros em hora fixa comiam um pequeno pedaço de pão, entre os canos das espingardas e as pontas das baionetas. Uma plancha embebida na agua lhes servia de leito, e o breviario, cujas imagens e paginas em branco tiveram o cuidado de arrancar e rasgar, lhes servia de travesseiro, e a roupa em farrapos lhes apodrecia no corpo. Bravo, bravo, marquez de Pombal!

Assim teve o marquez de Pombal as suas 9:640 victimas, das quaes 4:000 pereceram de morte violenta.

Os martyres escreviam da sua prisão quando podiam, cartas admiraveis, de mansidão e de perdão. Eis as maldições dos Jesuitas!

O rei, graças ao seu primeiro ministro, vivia cercado de atmosphera de sangue, de lagrimas e de terror.

Pombal dependia da vida do rei, esta vida era todo o seu poder.

Além d'isso, era-lhe necessario o tempo preciso para chegar a Lisboa o navio que lhe devia trazer de Gôa, em dezenove caixões, os despojos em prata, ouro e pedrarias do tão venerado tumulo de S. Francisco Xavier, o Apostolo das Indias orientaes.

Entretanto, D. José de Bragança sentia-se morrer.

Na mesma noite, conhecendo Pombal que com o ultimo suspiro do rei lhe escapariam as suas victimas, expediu um carrasco a uma d'estas prisões, com ordem de assassinar quatro pessoas cujos rostos estivessem mascarados; entre ellas, presentiu o carrasco uma mulher e reconheceu o conde d'Obidos.

—Segura bem o teu golpe, disse este ao carrasco; eu sou o conde de Obidos.

Era este o ultimo golpe do cutello do grande marquez.

Sete annos havia que elle assim executava pelos caminhos do desterro, no meio das floqueiras, no alto das forcas e no fundo das masmorras, as suas façanhasabolicas,

D. Maria Benedicta succedeu a seu pae, D. José I.

A reprovação abafada d'este incubo real, lançado pesadamente sobre o seu povo, bramiu subitamente ao redor do novo thronco. Este coração de mulher e de boa catholica commoveu-se.

Um tribunal foi constituido. A sua ultima sessão prolongou-se até ás quatro horas da manhã e terminou pela declaração seguinte:

«Todas as pessoas mortas ou vivas que foram executadas ou postas em prisão, em consequencia da sentença de 12 de janeiro de 1759, eram innocentes».

A torre de S. Julião e as prisões de Almeida abriram-se, pois; mas apenas restituiram á luz do dia, oitocentos espectros:

O marquez de Pombal foi condemnado a pena afflictiva: a morte.

Porém, tinha setenta e nove annos e era covarde.—Eis os termos da clemencia da rainha que stigmatiza rigorosamente o orgulho e coragem do marquez de Pombal:

«Nós quizemos ceder aos rogos do dito marquez que nos pediu perdão de todos os seus actos temerarios, dos seus excessos e dos seus attentados, e lhe concedemos a graça de todas as penas afflictivas».

Eis porque o Grande Marquez supplicante foi sómente desterrado da córte.

O assassino dos padres, como o chamavam no Uruguay, retirou-se para o seu castello de Pombal.

Tinha gastado vinte oito milhões de cruzados com a sua perseguição contra a Ordem dos Jesuitas, em libellos, prisões, traições, falsos testemunhos e compras de consciencias.

Todas as familias lesadas tiveram a faculdade de o citar perante os tribunaes, que o condemnaram a restituições consideraveis, tendo de sustentar, por isso, quarenta processos vergonhosos.

Os homens nada mais podiam sobre elle; chegou a vez de Deus.

Em breve, uma lepra medonha, infecta, asquerosa, cobre todo o seu corpo, a ponto de não haver quem o servisse, a não ser a peso de ouro; e quem assim o servia, aproximava-se d'elle com horror.

A morte devorava-o pouco a pouco e fazia-o entrar vivo, lentamente e aos pedaços, na podridão do tumulo.

Contava oitenta e tres annos.

A sua mulher justava com elle para que se reconciliasse com Deus e recebesse os ultimos sacramentos da Igreja, o que elle recusou como cousa inutil, e morreu a 8 de maio de 1782. (*)

(*) Dizem alguns que se confessára e recebera os Sacramentos. Pela nossa

Impius, cum in profundum venerit, contemnit

Esta sentença da Sagrada Escripura foi a sua ultima condemnação.

A população oppõe-se a que o seu corpo seja levado á Igreja; o ministro de Estado recusou-lhe em Lisboa o soberbo tumulo que o marquez alli mandára edificar.

Lançaram os seus restos horrendos em uma tumba miseravel coberta com um desprezível panno mortuario, e depozeram este despojo de que os vivos e a terra dos mortos tinham horror, em uma capella hospitaleira de Franciscanos.

O grande marquez dissera:—A Companhia de Jesus voltará; mas ser-lhe-ha difficil reconstruir o seu ninho—*Resurrexit sicut dixit*—o seu uinho está nas consciencias.

Reinava D. Miguel em Portugal. O reino chorava pelos Jesuitas e pelos seus collegios. A sua entrada official teve logar em 1832.

Foi em uma sexta-feira que a Companhia de Jesus pôz o pé na diocese de Coimbra.

A multidão acorria radiante; as procissões, em oração, com ramos de oliveira iam em triumpho ao encontro dos padres; os sinos repicavam alegres; os altares achavam-se esplendidamente illuminados; as janellas lindamente enfeitadas e repletas de rostos alegres e felizes; os arcos de triumpho abriam-se como immensas e alegres aureolas da verdura; nas varandas, todas as mãos abertas cobriram os Jesuitas com folhas de rosa.

Havia cincoenta annos que a humilde Companhia de Jesus deixára Pombal; havia cincoenta annos que o grande marquez alli esperava a sepultura no seu pobre sepulchro profanado. E com effeito, os francezes durante as suas invasões, tomados de indignação, dispersaram as ossadas malditas pelas lajes da capella.

Recolhidas ainda uma vez pelos Franciscanos, foram restituídas á sua tumba

O primeiro cuidado dos Jesuitas foi ajoelharem e orarem diante d'esta tumba tão execrada sempre.

O Padre superior celebrou—*corpore praesente*—uma missa de requiem pelo eterno descanso da alma do seu perseguidor.

Eis a vingança dos Jesuitas!

Estes homens que são a misericordia encarnada jámais duvidam da misericordia de Deus.

O então marquez de Pombal com seu filho e sua irmã D. Francisca de Saldanha, condessa de Oliveira, com

parte desejamos que assim fosse e que Deus tivesse d'elle misericordia

seus dez filhos, vieram pedir perdão das perseguições do seu avô.—Se Deus chamasse os meus sete filhos á Companhia de Jesus, disse a condessa, teria este favor como uma grande graça.

Estes filhos foram os primeiros a inscrever-se nos collegios dos Jesuitas novamente abertos em Portugal.

Finalmente, em 1851—na residencia de Tolosa—ora-se ao redor de um padre agonizante, o P. d'Oliveira.

Com humildade suprema confessou, com o rubor subindo-lhe ás faces, que era do sangue do marquez de Pombal.

As nações tem o seu fluxo e refluxo, as suas trevas e as suas ingratidões.

De todas as partes foram os Jesuitas banidos; a todas partes voltaram. Este mundo pertence-lhes, porque nada d'elle, realmente, possuem: o seu reino é outro. Eis o mysterio do seu poder e a força da sua instituição.

A França—filha mais velha da Igreja—esta patria de magnificas generosidades, de sublimes dedicações, de caridade admiravel e de mortes heroicas—acaba, entretanto, de affixar em uma das paginas da sua historia, um sinistro decreto.

O tempo rasgará esse pasquim, mas ficará uma mancha.

—Ide ensinar as nações, disse Jesus Christo aos seus discipulos, e eu sou convosco todos os dias até á consuminação dos seculos.

Sim, os Jesuitas voltarão a ensinar atravez dos seculos, não ainda revolucionados, quando os tres nomes postos debaixo d'esta nova sentença de Pilatos, forem, depois de muito tempo, entregues ao implacavel passado da historia e á eternidade de Deus.

(Do Figaro)

SECÇÃO LITTERARIA

A CIGANA

POR

D. MARIA DEL PILAR SINUES

Versão livre

DE

J. DE FREITAS

VII

(Continuado do n.º 13)

A joven ciganita deixou que os braços d'aquella dama a estreitassem

e por algum tempo se quedou absorpta; mas de repente a surpresa dissipou-se, duas lagrimas, sem que as palpebras as sacudissem, rolaram mansamente por suas faces, e com ternura indescriptivel abraçou a marquezza, em quanto lhe dizia com voz harmoniosa e prehe de naturalidade:

—Mãe, eu já sabia que vós vivieis!

—Que dizes! recordas-te ainda de mim, filha da minha alma!—exclamou a marquezza—conhecos-me? Será possivel, depois de decorridos dez annos, tendo tu apenas quatro, quando de meu lado te arrebataram?

—Eu não sei, minha mãe,—repliquou a cigana—se eu me recordava de vós, ou se em algum dos meus sonhos vos pude ver alguma vez; o que sei é que vos conheci desde logo, porque o coração me disse: Essa, essa é tua mãe!

E a pobre creança, fallando assim, apoiou a mão da marquezza sobre o peito, para lhe mostrar o palpar apressado de seu coração.

A marquezza havia-se esquecido completamente da enferma e de tudo quanto a rodeava. Sentada, com a filha entre os braços, olhava-a com ternura, cobria de beijos e caricias seu rosto e seus cabellos, não pensando senão n'ella, na filha que achava, porque tudo, todo o universo havia desaparecido de seus olhos.

Edmunda, ou antes Valeria, segundo o nome que lhe deu sua mãe, foi a primeira que, com firme presença de espirito, voltou a si, e disse, com a graça encantadora e singela que lhe era natural:

—Se eu abandono esta pobre mãe, morrerá sem remedio; devo, pois, cural-a.

A marquezza, temendo que o juizo de sua filha se houvera transtornado, fixou-a com terror.

Edmunda—que assim continuaremos a chamar-lhe, para a distinguir da outra Valeria dos cabellos louros—aproximou-se de novo do leito da enferma e juntou as flores que sobre elle havia dispersas ao ramo que formava quando sua mãe entrára, e tendo-o concluido sujeitou-o com uma fita que tirou do bolso.

—Que está ella a fazer?—perguntou a marquezza, em voz baixa, ao medico que estava perto.

—E' uma das suas innocentes superstições—disse o doutor, sorrindo—Deixemol-a; talvez que sua fé possa alcançar um milagre do céo, milagre que Deus concederá á sua innocencia e negará á minha pratica.

A marquezza não contestou ás palavras do medico, porque toda se empregava na contemplação avida e amorosa dos movimentos de sua filha

Esta, aproximou-se da enferma, descobriu-lhe o seio, fez-lhe o signal da cruz sobre o coração, e collocou ali o pequeno e fresco ramilhete.

Depois, tomou uma flor que havia deixado solta, desprendeu-lhe dos cabellos uma outra que ali havia segurado e juntou-as ambas, dirigindo-se em seguida para junto de sua mãe, com um dedo nos labios, como que pedindo silencio e andando nas pontinhas dos pés para não fazer ruido.

—O alivio virá em breve, — disse ella.

—Oh, meu Deus! — exclamou a marquezia dolorosamente—tem a cabeça transtornada, a minha pobre filha!

—Não vos assusteis, senhora—replicou o medico—aquillo não é mais que a exaltação do seu espirito, occasionada pelo viver nomada entre os ciganos e pela linguagem pomposa e figurada, por elles uzada. Ao lado de sua mãe, podeis crel-o, senhora, ella voltará á vida real.

E dizendo isto, aproximou-se de Edmunda e lhe disse com carinho:

—Menina, quereis acompanhar-me, e a vossa mãe?

Edmunda, assombrada pela linguagem pallida que o medico lhe fallava, e que se não recordava ter ouvido nunca, respondeu pouco depois:

—Não, bom homem; não posso nem devo deixar, nem mesmo pela minha, esta mãe infeliz.

Ao findar estas palavras, voltou a cabeça, e vio a esbelta figura de Roberto que passava no corredor. Então brilhou em seus olhos uma luz estranha, e, como esquecida do que acabava de dizer, lançou-se no corredor e desapareceu.

Sua mãe elevou ao ceu uma vista cheia de tristeza, e sahio em seu seguimento.

O doutor quedou-se ao lado da enferma, sobre cujo estado lhe parecia exercer com effeito uma influencia sobrenatural, as flores, as palavras, e até a vista de Edmunda.

Isabel fechou as janellas, deixando o apozento envolto n'essa meia luz tão aprasivel, e que tanto convida ao repouso e ao somno, durante os abraçados dias do estio.

VIII

Edmunda e Roberto acharam se em frente um do outro a poucos passos da porta dos aposentos de D. Antonia.

O joven estava triste e dolorosamente preocupado; era vagaroso e vacilante o seu andar; no rosto mostrava uma pallidez espantosa e era apagado o brilho de seus olhos antes tão luminosos e alegres.

E' que as emoções por que havia passado durante a noite tinham operado uma impressão terrivel em sua nervosa e apaixonada organização

A sua vida, até ao dia anterior havia deslizado pura e alegre, como o arroyo que serpeia tranquillo e murmuroso por entre as verdes florinhas do prado; e em tão breve espaço de tempo as paixões haviam bramido em volta de si, como uma torrente mugidora e impetuosa, impellida pelo sopro abraçador das ventanias da dôr.

Apezar da habitual e amarga melancolia em que vivia sua mãe, esta havia sido para elle uma especie de Providencia, toda amor, toda ternura, toda previsão. Roberto em cousa alguma havia sido violentado; não tivera preceptor que o fatigasse com trabalhos alheios á sua vontade; toda a sua vida se vira rodeado de felicidade e adoração.

A ideia da morte jámais havia passado ante sua imaginação juvenil, fresca e brilhante, a não ser para se recordar de seu pae, que tanto o idolatrava, e quando fallava d'elle a sua mãe era para obter sempre a mesma resposta: Ama-te ainda no céo, e lá te espera.

E na occasião presente a morte brandia a terrivel foice, não só sobre a cabeça de sua boa mãe, mas tambem sobre o leito onde tinha repouzado seu pae, que havia encontrado enfermo, velho e coberto de andrajos!

Além disso apoquentava-o a lembrança da culpabilidade de sua mãe, que tanto amargurara a existencia de seu pae, que, supposto deixasse em meio a narração que oncetára, deixou com tudo antever que D. Antonia fôra a causa de todas as desgraças do pobre velho e do sua innocente irmã.

A infeliz creança via perdidas as suas mais queridas illusões, as mais doces esperanças do seu porvir, e assim submerso em tristes pensamentos, voltava ao seu quarto para fazer companhia a seu infeliz pae, que em toda a noite, noite de dor, não podera repouzar um segundo; tal era a impressão que em seu espirito haviam deixado as febris visões de sua vida.

Porém, ao ver Edmunda, deteve-se, e um leve sorriso vagou em seus labios. E' que entre as almas ternas dos adolescentes existe certa sympathia doce e mysteriosa que as atrae, que as une.

—Senhor, onde vos dirigis? — perguntou a cigana com sua voz pura e cheia de harmonia—porque não viesdes para o sitio onde eu me achava?

—Porque me disseram que minha mãe dormia, — respondeu Roberto com tristeza.

—Sim? Mas eu estava desperta—

replicou ella, fixando seus negros e formosos olhos no adolescente, com doce e carinhosa expressão.

Roberto guardou silencio, e a cigana, aproximando-se d'elle, e puzando-lhe no braço sua afilada e morena mãosinha acrescentou:

—Tu és o joven mais formoso que tenho visto; os da minha tribu, eram mais morenos ainda do que eu, uzavam vestidos grossos, traziam os pés sempre nus, e seus cabellos eram compridos e mal cuidados; serás tu de outro mundo?

—Não, — replicou o joven, que ao ouvir aquella voz, argentina e melodiosa como o canto de uma avesinha, e ao ver aquella creatura, olvidou completamente seus padecimentos phyzicos e moraes—não, Edmunda, eu sou d'este mundo, e tão mortal como tu.

—Não, não pôdu ser; teus olhos teem a côr do ceo; és branco e formoso, como é branco e formoso o anjo Gabriel, cujo retrato me mostrava minha mãe quando eu era pequenina, no altar do nosso palacio.

—Que dizes! tens mãe? recordaste ainda d'ella?

(Continúa).

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Nós a julgar, ao darmos principio a esta revista em o passado numero, que não mereciamos a honra de colaborar no *Progresso Catholico*, e eis que os compositores, julgando o contrario, disseram que era *merecida a honra!* A' vista de tal opinião podemos afoitamente continuar.

I

O Credo politico dos catholicos

Um livro de pequenas dimensões, mas preñado de sãs verdades, de puras doutrinas, tal é o que tem por titulo as palavras que encimam estas linhas, e que devemos á obzequiosa bondade do seu traductor o r.^{mo} snr. padre Chrispim Caetano Ferreira Tavares.

Mostrar em ligeiras paginas, e n'uma linguagem que possam comprehender as pessoas menos lidas, as verdades christãs, os ensinamentos da Igreja, é o que mais deve prender a attenção dos escriptores catholicos na epoca que atravessamos. Não vae tempo para grandes ramilhetes de estylo, para palavriados bombasticos; o tempo corre para a pura linguagem

que convença, para os puros rasgos de rhetorica, que não deixem campo para as replicas dos inimigos.

E' o que achamos no pequeno livrinho de que nos estamos occupando, e que recommendamos a todos os catholicos, como o mais util, o mais necessario para guiar-nos por caminho seguro. Façam aquisição d'elle todos os leitores do *Progresso Catholico*, e empenhem-se para que se propague quanto possivel, que n'isso vae cumprido um dever de todos nós.

II

REPUTAÇÃO DOS ERROS QUE SE ENCONTRAM NO CURSO DE PHILOSOPHIA, DE A. RIBEIRO DA COSTA

pelo padre *Chrispim Caetano Ferreira Tavares*

Annuncia-se para breve a apparição d'este livro que será, como o garante o nome do auctor, um verdadeiro trabalho, um monumento erguido no campo da sciencia.

Esperando-o com anciedade, limitamo-nos por hoje a transcrever as palavras do auctor, estampadas no prospecto. Ell-as :

«E' este o titulo de uma obra, que d'aqui a alguns mezes, começará a ver a luz da publicidade.

Outras obras, do que fomos auctor, foram recommendadas e elogiadas não só pela imprensa religiosa do nosso paiz, mas até por auctorisadissimas revistas de Hespanha, França e Napoles, como póde vêr-se no «Consultor de los Parrocos», n.º 58, do anno de 1876; e n.º 15, do anno de 1878; na «Revue des sciences Ecclesiastiques», de Amiens de França, n.º 206; e em «La scienza e la fede», de Napoles, vol. CX, fasc. 658.

Em Deus esperamos que a obra, cuja publicação annunciámos, merecerá também as sympathias do mundo sábio.

Não procuramos encarecer a importancia da nossa obra, porque não precisa ella de encarecimentos. Usem muito embora de palavras bombasticas e de una phraseologia exquisita os que pretendem vender gato por lebre: nós contentamo-nos com apresentar ao publico illustrado o titulo da nossa obra, convidando-o a assignal-a.

Estamos certo de que o desejo de instruir-se e quiçá talvez a curiosidade de conhecer os argumentos com que um padre catholico refuta os erros defendidos por um Bacharel formado em Direito, e professor de philosophia no Lyceu Nacional do Porto, contribuirá para que muitos queiram

possuir esta obra e o meio mais facil de conseguirl-a é assignal-a.

A tiragem será de um numero de exemplares pouco superior ao numero de assignaturas que tivermos no dia em que se começar a fazer a impressão da obra, por isso quem não assignar, arrisca-se a não poder adquirir-a; e quando chegue a poder conseguir essa aquisição, certamente a comprará mais cara.

Nós comparado com o auctor, cujos erros impugnamos, estamos na proporção de um pigmeu para um gigante, mas assim como um pobre pastor d'Israel não temeu o gigante Goliath, da mesma sorte nós, apesar da nossa pequenez, não tememos o sr. *Costa e Almeida*.

E' muito de crer que s. ex.º, ao menos para honra do Lyceu de que é professor, responda alguma cousa em sua defeza: nada d'isso tememos: temos plena certeza de que estamos no campo da verdade, e por isso todos os argumentos que s. ex.º empregar para defender-se, não poderão deixar de ser viciosos. Lançaremos então de novo mão da penna e patentearmos o vicio d'esses argumentos.

Estamos certo de que todos os homens de boa vontade se prestarão a assignar a nossa publicação.

E nós, certos também de que ninguém recusará a assignatura para adquirir uma obra de tanta importancia, encaminhamos o leitor para o annuncio publicado na capa do presente numero.

III

ESCRITOS RELIGIOSOS

por

Egydio Pereira de Oliveira e Azevedo

Offerta-lo pelo auctor, cá temos sobre a banca um exemplar d'este magnifico livro, que lemos com aquella vontade que nos arrasta sempre desde as primeiras ás ultimas paginas d'um livro, quando este livro é repassado das mais puras doutrinas do christianismo, enfiadas com os mais variegados ramilhetes da linguagem patria.

Ben nossos conhecidos eram já alguns capitulos d'este livro, porque os haviam lido quando publicados em artigos soltos, e por bem os conhecermos mais nos congratulamos em os possuir, formando, juntamente com outros que desconheciamos, o formoso volume que calorosamente recommendamos aos leitores, e que penhoradissimo agradecemos ao seu auctor.

IV

QUATRO NOVELITAS

de

Matilde Bourdon

N'um volumezinho de 158 paginas estão encerradas as *quatro novelitas*, que teem por titulos:—*Dicha e desdicha; Los dos caminos; Valeria; El secreto*, todas quatro d'um moralidade a toda a prova, escriptas n'um estylo despretencioso mas agradável, e prendendo o leitor com um enredo interessante.

A edição é feita pela livraria catholica de Barcelona, dirigida por D. Miguel Casals, a quem agradecemos a offerta.

F. DE GUIMARÃES.

RETROSPECTO DA QUINZENA

SUMMARIO :

Um correspondente que não corresponde ao seu fim; ensina-se-lhe o que seja a caridade christã; a Conferencia de S. Vicente de Paulo não vem fazer mal; receios de ha 66 annos.— Uma dos governos liberalengas.— Confissão de Otero.— A Academia de S. Thomaz d'Aquino em Coimbra.— Infeliz França!

N'uma correspondencia d'esta cidade para um jornal de dez reis, fallava-se da Conferencia de S. Vicente de Paulo, ha pouco fundada n'esta cidade pelo R.º P.º Senna Freitas. Diziam-se cousas, como as sabe dizer o correspondente d'um jornal de preço infimo; e a julgar por tal dizer, vê-se que o homem é pouco versado em materias religiosas, comprehendendo tão mal a caridade christã, que a julga pela frequencia que teem os estabelecimentos commerciaes. Não admira, que nem todos nascemos ensinados, e se ficamos toda a vida com o que em *pequenos* nos fazem aprender, de certo nos acontece como ao tal correspondente:— fallar de tudo sem de nada saber cousa alguma.

A caridade não tem nada que lhe possa fazer concorrência, porque, seja qual for a fórma por que ella se exerça; seja em nome de S. Vicente de Paulo, de N. S. da Consolação e Santos Passos, de S. Francisco, de S. Domingos etc. etc., lá está cumprido o seu fim, lá estão satisfeitos os ensinamentos

do Divino Mestre. E se uma qualquer instituição de caridade, que se propoz socorrer os indigentes, for precedida pelos filhos de S. Vicente de Paulo, melhor, que lá lhe fica com que dar mais amplas raias á sua caridade.

Pelo facto de haver quem tenha por fim o levar o obolo de caridade, pela calada da noite, á familia envergonhada, que se fina á mingoa de pão, póde impedir-se, ou mesmo censurar-se, que, com a invocação da Conferencia de S. Vicente de Paulo, se estabeleça uma associação que não tenha outro fim?

Não temos nós todos, os catholicos, obrigação de dar aos pobres o que nos sobra? E comtudo nós vemos os estabelecimentos de caridade surgir por toda a parte e sustentados por aquelles que podiam de per si distribuir as esmolas.

Não são de mais nunca os meios empregados para exercer a caridade, razão porque rimos e nos compadecemos ao mesmo tempo do *pobre* correspondente, que talvez seja quem mais utilise com as instituições de caridade, e mais ainda se á porta de cada uma d'ellas, como se fazia ás portas dos conventos, se desse caldo e pão aos que não podem trabalhar, e mesmo áquelles a quem não faltam fortes braços para britar pedra, e umas amplas costas para pézados carregos.

E concluímos dizendo-lhe, que apesar da Conferencia de S. Vicente de Paulo, a caridade dos vimaranenses, de cada um em particular, não deixará de dar de comer a quem tem fome e de vestir os nus. Póde, e isso *sentimos* nós, não serem vestidos os nus com magníficos cazacões de excellente panno preto; mas serão vestidos de jaqueta de briche e já com isso fica cumprida uma das obras de misericordia: — vestir os nus.

Que não é para admirar o temer-se na epoca presente que uma instituição de caridade vá tolher o passo ás demais. Quando os Terceiros Franciscanos em 1814 quizeram abrir o seu hospital, a meza da misericordia oppoz-se abertamente á sua abertura e embaraçou-a quanto pôde; e a não ser o digno provedor da comarca, Francisco Barrozo Pereira, que, livre de preconceitos, informou como devia e era de justiça, não teria aquella Ordem Terceira o seu hospital, e não veríamos nós hoje elevar-se junto da sua igreja um dos mais bellos monumentos que a caridade christá tem erguido n'esta cidade.

Em todos os tempos e para todas as cousas tem apparecido opposições, o que é, a nosso ver, um signal de vida para as instituições nascentes.

Que Deus proteja todas as obras

que em seu nome são feitas, é o que desejamos, mais que a approvação dos zoilos.

E' espantosa a teimozia dos governos das nações catholicas em querer impor ao Papa a sua vontade em cousas que dizem respeito ao interesse das almas, e quiza dos proprios governos.

A diocese d'Olinda, que tinha por prelado o mais venerando dos apóstolos modernos, está condemnada, se vingar podera a vontade do governo brasileiro, a ser pastorada por um padre, que pertença á seita, contra a qual luctou sempre o inclyto D. Frei Vital. (1)

Vejamos o a tal respeito nos diz o «Soleil», de Paris:

«Eis o verdadeiro estado da nova questão que se suscita entre o Brazil e a Santa Sé:

«O governo brasileiro, nos termos da concordata existente, apresentou, para prehencher o bispado de Olinda, um sacerdote, que fôra suspenso de ordens e beneficio pelo finado bispo D. Vital, por causa do seu procedimento, e das suas relações com as lojas maçonicas.

«A Santa Sé, depois de ter observado amigavelmente ao governo brasileiro a inconveniencia de uma tal proposta, convidou-o a apresentar um outro candidato.

«O governo do Brazil, em vez de acceder, respondeu defendendo a escolha que fez, e mantendo-a.

«Ao mesmo tempo que isso se passava, a Santa Sé recebia varios relatorios e documentos, narrando os inauditos esforços da maçonaria para forçar o governo do Brazil a empregar os meios de levar de vencida a igreja n'essa questão.

«Sua Santidade Leão XIII não só manteve sua primeira decisão, recusando-se formalmente a sancionar a escolha do governo brasileiro, como fez ordenar indirectamente ao candidato que não se prestasse ao capricho do seu governo.

«Não tendo o sacerdote interessado acquiescido ao conselho, e persistindo o gabinete brasileiro na sua primeira decisão, as relações entre a Santa Sé e o governo do Brazil ficaram assás estremitadas; e, apesar de, já depois disso, se terem celebrados consistorios, a diocese de Olinda conserva-se vaga.

(1) Veja-se a sua pastoral *A maçonaria e os jesuitas*, escripta quando estava prezo em uma fortaleza do imperio.

«Esse facto é consequencia da situação geral do Brazil, onde as parochias, em sua maior parte, são dirigidas por confrarias e irmandades formadas por homens de todas as especies.

«Os membros dessas confrarias ou irmandades entendem até que, ao mesmo tempo, podem exercer os cargos religiosos e os das lojas maçonicas.

«Em consequencia desse estado de cousas, em meio dessas directorias mantem-se uma lucta encarnigada entre os maçons e os que não seguem essa seita, tudo para obter a supremacia nessas corporações; não tendo estes ultimos podido até ao presente expellir das irmandades e confrarias áquelles.»

E já que fallamos de sociedades secretas, não devemos deixar de mencionar uma das suas façanhas, para lhes não roubar tão grande gloria.

«O «Diario» de Madrid publicava a confissão que Otero fizera ao duque de Sexto, antes de morrer. E' como segue, segundo aquella tolha:

«Fizei ao rei que reconheço os bons sentimentos de toda a familia real, mas eu não quero comprometter ninguém. Fui enganado; deixei-me introduzir n'uma sociedade secreta que me conduziu até Toledo. Alli, em sessões secretas, alguns homens mascarados decidiram que eu mataria Canovas del Castillo. Regressando a Madrid pouco tempo depois, recebi 130 fr. e uma arma de fogo. D'ahi a pouco, a primeira ordem fui substituido pela ordem de matar o rei.

«No dia do attentado, dois membros das sociedades secretas me disseram que aquella era a occasião favoravel e que, se a perdesse, eu seria assassinado. Acompanharam-me em seguida até juncto do Palacio, e ficaram alguns passos atrás de mim. O resto nós o sabemos.»

Para os que quizerem ainda ter as taes sociedades como cousas muito innocentes, plena liberdade lhe concedemos.

Do nosso esclarecido collega de Coimbra o «Conimbricense» transcrevemos a seguinte importante noticia, com a qual devem alegrar-se todos os filhos da Igreja:

«Academia de S. Thomaz d'Aquino. —Recommendará S. Santidade na sua encyclica *Aeterni Patris*, de Agosto ultimo, a todos os bispos do orbe catholico, que creassem nos seus semina-

rios cadeiras, em que se ensinasse a philosophia escolastica de S. Thomaz; e que n'ellos, ao mesmo tempo, se estabelecessem conferencias publicas, nas quaes se discorre sobre as materias, que fazem objecto d'aquella ciencia, como meio efficaz, e por ventura unico, de oppôr um dique aos erros perniciosos da pseudo-philosophia dos nossos dias.

O illustre prolado d'esta diocese criou, logo no principio do presente anno lectivo, uma cadeira de philosophia de S. Thomaz; e encarregou da regencia d'ella o sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos, distincto lente de Theologia n'osta Universidade.

E, para plenamente corresponder ás vistas e desejos do soberano pontifice, resolveu estabelecer no seu seminario conferencias, ao mesmo tempo, religiosas e litterarias, debaixo do titulo de *Academia de S. Thomaz d'Aquino*.

Foi domingo ultimo o dia escolhido por s. exc.ª para a inauguração solemne d'esta academia.

Nos preparativos para tão grande festividade foi o digno prolado poderosamente auxiliado pelo sr. vice-reitor do seminario, pelo sr. dr. Ramos e por outros respeitaveis ecclesiasticos.

Foi esta inauguração precedida de uma brilhante funcção religiosa, na magnifica capella do seminario, promovida em honra de S. Thomaz pelos ordinandos d'este estabelecimento, e em especial pelos que cursam a aula da philosophia do santo doutor da Igreja.

Houve de manhã missa solemne, com musica vocal e instrumental, a que assistiu o sr. bispo n'uma tribuna, e da qual foi celebrante o sr. vice-reitor do seminario.

Orou um alumno de Theologia da Universidade, e que ao mesmo tempo frequenta a aula do sr. dr. Ramos.

De tarde cantaram-se vespersas, e foi orador um alumno do seminario, tambem discipulo do mesmo professor. Ambos os jovens oradores confirmaram com os seus discursos o bom conceito que tem sempre merecido aos seus mestres.

A formosissima capella estava esplendidamente adornada; foi bom o desempenho da musica; grande foi a concorrência de fieis.

Pouco depois das 8 horas da noite, na vasta sala da bibliotheca do seminario, que se achava vistosamente decorada, e brillantemente illuminada; e perante uma luzida assembleia, de que faziam parte as auctoridades, os ecclesiasticos e professores da casa, os alumnos do estado ecclesiastico, muitos membros do corpo docente da Universidade e do Lyceu e grande numero de cavalheiros distinctos, que haviam sido d'antemão convidados, e ao som

de hymnos festivaes desempenhados pela orchestra, foi solememente inaugurada a *Academia de S. Thomaz de Aquino*.

Presidiu o sr. bispo conde.

O illustre prelado abriu a sessão expondo os fins d'esta academia e as vantagens que do ensino da philosophia de S. Thomaz devem resultar para a igreja e para o estado, por se achar n'ella efficaz remedio contra as deleterias doutrinas, que atacam o catholicismo, e que tantos males estão causando á sociedade civil, ameaçando subvertel-a em seus fundamentos.

O discurso do venerando prelado, despretençioso na fórma, mas cheio de elevados conceitos, e repassado de unção, verdadeiramente apostolica, impressionou profundamente o auditorio, e foi por vezes interrompido por salvas geraes de applausos.

Deu s. ex.ª em seguida a palavra aos oradores, que se haviam inscripto.

Fallou em primeiro logar o sr. dr. Ramos como aquelle a quem, na qualidade de professor da cadeira de philosophia de S. Thomaz, mais do que a qualquer outro, corria o dever de exaltar a sublimidade da mesma philosophia, e ao mesmo tempo de tecer os devidos louvores ao pontifice illustre que a mandara adoptar nas escolas, e ao prelado da igreja conimbricense que foi o primeiro no paiz que obedeceu á voz respeitavel emanada do Vaticano.

D'esta missão desempenhou-se o orador por fórma, que mais uma vez firmou o credito de que merecidamente goza como orador sagrado.

O seu discurso obteve da illustrada assembleia os devidos applausos.

Fallou depois o sr. A. Eduardo Nunes, licenciado na faculdade de Theologia, já bem conhecido como alumno d'esta faculdade, e como um dos ornamentos do pulpito portuguez. Orador substancioso, e mimoso poeta, foi o seu discurso cheio de sa doutrina, e ao mesmo tempo matizado de brilhantes imagens, que tão expontaneamente lhe saiam dos labios inspirados, que teve d'ellos, por longo espaço, pendente o selecto auditorio, que o escutava. Reberentaram por vezes unanimes e entusiasticos applausos.

Fallaram ainda em seguida o sr. Araujo Guina, igualmente licenciado na faculdade de Theologia, e o sr. Mariz, estudante do 3.º anno da mesma faculdade.

Os seus discursos, mais singelos na forma, mas não menos notaveis pelo rigor logico e boa deducção das doutrinas, foram com razão applaudidos.

Entremeadas com estes excellentes discursos foram recitadas optimas poesias, analogas ao objecto d'esta solemnidade, pelos srs. padre Moraes, pa-

dre Martins, e pelos academicos, os srs. Silvano e Campos.

Nos intervallos tocava a orchestra escolhidas peças de musica, entre as quaes avultou o hymno de S. Thomaz d'Aquino, producção do habil compositor, o sr. conego Monteiro.

Fechou o sr. bispo conde esta sessão memoravel dirigindo elogios aos oradores, que tão brillantemente haviam discursado; e agradecimentos aos cavalheiros que, com a sua presença, haviam honrado esta solemnidade religiosa e litteraria.

E finalmente deu conhecimento á assembleia de que acabava de receber um telegramma de Roma, na qual S. Santidade, tendo tido previo conhecimento de que n'este dia devia ter logar a inauguração da academia de S. Thomaz, enviava a sua benção a todos quantos concorressem a esta reunião.

Lançou por isso o sr. bispo conde, em nome do santo padre, a benção apostolica a todos os circumstantes.

Assim terminou depois das 11 horas esta festividade, que deixou agradavelmente impressionados a quantos tiveram a honra de ser para ella convidados.

Pedi em seguida o sr. bispo conde a todos os cavalheiros presentes que subissem para as vastas salas d'aquelle estabelecimento, onde lhes mandou servir um chá.

Todos os convidados se retiraram satisfeitos pelo modo como correu esta solemnidade e penhorados com as atencções e obsequios do illustre prelado.

.
. . .

Em França continúa a guerra contra as ordens religiosas, guerra que a nosso ver dará com a republica em terra.

Falta-nos espaço para nos occuparmos d'esta questão, e por tanto fazemos ponto, não sem pedir a Deus conceda melhor dias á França,

J. DE FREITAS.

FOME NA IRLANDA

Subscrição aberta por esta redacção.

Transporte do n.º 12.	72\$600
P.º Manoel Antonio de Frias	
Coutinho	2\$000
Um padre açoriano	1\$500
Por intermedio do rev.º Abade de Villa Cahiz	9\$000

Somma 85\$100